

## Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro

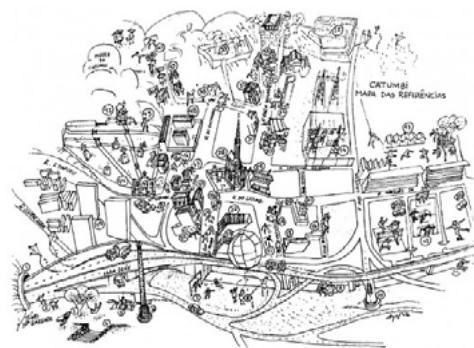
Mello, Marco Antônio da Silva; Vogel, Arno; Mollica, Orlando

4 ed. Rio de Janeiro: Eduff, 2017[1980, 174p.

### Rafael Vidal Assaf e Stephanie Mesquita Assaf

O livro *Quando a rua vira casa*, de Marco Antônio da Silva Mello e Arno Vogel, com ilustrações de Orlando Mollica – originalmente publicado em 1980 – chega em sua quarta edição pela Editora Eduff. Tal obra é resultado da compilação do trabalho etnográfico e pesquisa arquitetônica feitos no bairro Catumbi e no conjunto Selva de Pedra, ambos no Rio de Janeiro, durante 1979, financiados pelo Ibam (Instituto Brasileiro de Administração Municipal). Ao contrário de outras pesquisas alicerçadas pelo mesmo Instituto, essa foi encomendada pela Associação de Moradores do Catumbi e apresenta importantes inflexões teóricas e metodológicas em diversos aspectos e áreas. Nesse sentido, desde sua publicação, se tornou referência para ensino e pesquisa, especialmente para estudos vinculados ao planejamento, antropologia e sociologia urbanas devido ao método de pesquisa, assim como abordagem socioespacial para além do racionalismo técnico-espacial e suas possíveis correspondências entre delimitações de público e privado.

Na introdução, os autores anunciam que os bairros estudados representam dois casos ilustrativos de uma polaridade típica nas cidades brasileiras: o Catumbi é apresentado como um bairro popular adjacente ao Centro do município do Rio de Janeiro, ocupado em meados do século 19, cuja urbanização ocorreu espontaneamente; ao passo que o



Orlando Mollica, *Mapa de referências do Catumbi*, s.d., s.d. Fonte: Mello, Marco Antônio da Silva; Vogel, Arno; Mollica, Orlando. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 4a edição. Rio de Janeiro: EDUFF, 2017

Conjunto Selva de Pedra, planejado, implantado no Leblon e composto por 40 prédios, é remetido como um expoente do “urbanismo modernista” brasileiro. A pesquisa é realizada tanto sobre esse bairro ocupado em sua maioria por casas unifamiliares em “testada de lote”, com diferentes usos e considerado modelo urbano obsoleto pelo poder público, em contraste com o outro contexto, que abriga grandes conjuntos habitacionais monofuncionais, resultante da aplicação do modelo da “boa forma urbana” da arquitetura moderna, que compõe o Selva de Pedra.

Os autores apresentam ampla discussão sobre o método adotado, uma vez em que no Catumbi ocorreu um estudo de intensiva aproximação e que o Selva de Pedra foi, em primeira instância, um referencial para contraste de modelos mobilizados para a construção de espaços urbanos – em busca de explorar os possíveis tensionamentos entre a vida arquitetada pela apropriação de modelos canônicos, materializados no Selva de Pedra, e a vivência no Catumbi. Nessa intenção, os autores aproximaram discussões de morfologia urbana à pesquisa etnográfica, além de produzir vasto material audiovisual com foco nas formas de apropriação e experiências cotidianas. A pesquisa se direcionou para as diferenças entre as relações de apropriação

no Catumbi que se opunham às concepções de ordenamento do projeto modernista no Selva de Pedra. A proposta dos autores para o método comparativo das formas racionais, hipoteticamente insuficientes, com as apropriações espontâneas parte, portanto, da suposição de que as formas de apropriação dos espaços não planejados e de uso comum deveriam ser distintas.

É importante ressaltar que tal método não se esgota em análises a princípio comparativo-dualistas. O resultado do empenho metodológico da pesquisa fez sobressair as relações coletivas dos espaços, especialmente quando os autores se debruçam sobre a análise de categorias nativas de dentro do universo do Catumbi. Tais categorias existiriam com referência nas realidades fronteiriças da experiência do bairro, ainda que de outro campo do domínio de pensar e conceber, em correspondências mútuas e artificiosas entre rua, casa, calçada, janelas e quintais.

No capítulo “Primeiros Contatos” há uma rápida apresentação da morfologia do bairro e das relações com as categorias mencionadas, referentes à interlocução e impregnação mútua dessas com a apropriação do espaço vivido. O padrão morfológico do Catumbi estaria articulado em constante (re)atualização de valores de uso, à medida que se integram às práticas vividas nos fazeres e performances do cotidiano, diferente do planejamento praticado pelo poder público, especialmente nas atividades coletivas e públicas da rua, nas relações limítrofes de casa-rua-calçada que suscitam diferentes níveis de exposição, visibilidade e performance social do corpo usufruidor.

Em “Os trabalhos e os dias” a vida da rua é desenvolvida como moduladora das próprias qualidades formais do espaço, além de nele se manifestar. Por meio das referidas categorias, que figuram essencialmente

no âmbito do “concebido” e são constantemente ressignificadas na experiência do “vivido”, o espaço é produzido. Assim, algumas polaridades apresentadas pela razão do planejamento urbano operariam como oposições relativas, uma vez que não são contempladas no contexto do Catumbi.

O capítulo seguinte, “Caso de controle: a ‘Selva de Pedra’”, sob a hipótese da diferença oposicional entre os processos de apropriação dos espaços de uso coletivo, explora exatamente o controle. pontuando que o que era espontâneo no Catumbi, no Selva de Pedra, era planejado. Ao passo que as categorias levantadas no bairro do Catumbi eram mais diluídas, no caso do Selva de Pedra as noções homogeneizadoras de classificação dos modos de vida eram recorrentes. Ainda nesse contraponto, os autores levam o argumento ao extremo ao afirmar que as atribuições observadas no Catumbi seriam mais úteis – em relação aos modelos monofuncionalistas – como instrumentos de análise urbana, uma vez em que tal sistema não se atribuem impedimentos às variedades de formas de apropriações do espaço.

Por fim, em “Conclusão: rua ou Selva de Pedra”, o livro é arrematado com uma crítica ao discurso dos planejadores, cuja inspiração modernista os faz aferir retórica com viés progressista no intento de formar mitos fundadores desconectados dos modos de vida preexistentes. O Catumbi, portanto, seria um exemplo potente de como um modo monotético não apenas em relação a determinados sistemas classificatórios é constantemente ameaçado pelo mundo das práticas cotidianas que desafiam a utopia modernista-racionalista da construção do espaço público no contexto analisado. Quando a rua vira casa é exatamente o elogio e a incorporação das rugosidades e dos estranhamentos das interações urbanas em sistemas politéticos, não binários, dinâmicos e ambíguos de entendimento do mundo.